

CYBERBULLYING – AGRESSÃO DIGITAL NA REDE: por quais 'orkunstâncias' andam a amorosidade e o respeito na educação?

CYBERBULLYING – DIGITAL AGGRESSION IN NETWORK: by which 'orkunstâncias' strolls the lovingness and respect in education?

Carolina Valença Azevedo¹
Cássia Cristina dos Santos Ferreira²
Priscila Ellen Tabosa de Oliveira³
Prof. Dr^a. Maria Auxiliadora Soares Padilha⁴
Prof. Dr. Everson Melquíades Araújo Silva⁵

Resumo. Este trabalho buscou analisar tipos de agressão de alunos contra professores em redes sociais, mais especificamente, a rede de relacionamentos Orkut. Neste estudo estamos enquadrando este tipo de agressão como cyberbullying. Para isso, o estudo identificou, no período de maio a novembro de 2009, as ocorrências de agressão no Orkut e caracterizou tipos de cyberbullying dirigidos a professores, em comunidades virtuais de escolas públicas e privadas do Recife. Realizamos uma pesquisa de caráter exploratório, de natureza qualitativa, utilizando, como instrumento metodológico, a pesquisa documental, focando na análise de conteúdo. Os resultados indicam a existência de 201 mensagens com conteúdos de cyberbullying entre 1.098 existentes nos fóruns de discussão das comunidades, tendo como principal forma de agressão o xingamento. Como proposta de combate a essa prática, sugerimos uma ação conjunta entre escola e família e uma educação para as mídias digitais, para o uso consciente das novas tecnologias, além de situações que podem ser realizadas em sala de aula para ajudar a construir um ambiente de respeito.

Palavras-chave: tecnologias de informação e comunicação; cyberbullying no orkut; agressão digital.

Abstract. This study aimed at analyzing types of aggression by students against teachers in social networks, more specifically, the Orkut social network. In this study, we frame this type of aggression as cyberbullying. Thus, the study identified, in the period from May to November 2009, the occurrences of aggression in the Orkut that were characterized as types of cyberbullying aimed at teachers in virtual communities of public and private schools in Recife. We conducted a qualitative exploratory study, using, as methodological tool, the documentary research, focusing on content analysis. The results indicate the existence of 201 messages with content of cyberbullying among the 1.098 existing in the discussion forums of the communities, having as its main form of aggression swear-words. As a proposal to oppose this practice, we suggest a joint action between school and family and an education for the

1 Graduada em Pedagogia – Centro de Educação/UFPE. E-mail: carolinazevedo18@gmail.com.

2 Graduada em Pedagogia – Centro de Educação/UFPE. E-mail: cassiakris@gmail.com.

3 Graduada em Pedagogia – Centro de Educação/UFPE. E-mail: priscilaa.ellen@gmail.com.

4 Professora Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – Centro de Educação/Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: dorapadilha@gmail.com.

5 Professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – Centro de Educação/Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: eversonmelquiades@ig.com.br.

Artigo recebido em outubro de 2011; aprovado em novembro de 2011

digital medias aimed at the conscious use of new technologies, as well as measures that can be taken in the classroom to help build an environment of respect.

Keywords: information and communication technology; cyberbullying in orkut, digital aggression.

1. Bullying, Cyberbullying, professores e alunos: relações e concepções

Diante de uma sociedade muitas vezes chamada "sociedade da informação", onde as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ganham cada vez mais espaço, e os estudantes são constantemente bombardeados de informações, principalmente através da internet, a escola percebe a necessidade de renovar seu currículo para lidar com esse novo contexto. Entretanto, apesar de se estar presenciando mudanças na sociedade, as escolas nem sempre as acompanham com a mesma velocidade.

Esse contexto, como afirma Kenski (2003), influencia não somente o modo como os jovens se relacionam entre si e com os outros, mas também a forma como estudam e aprendem. Bonilla (2005) alerta para o fato de que atualmente os jovens participam muito, concordam, discordam e argumentam, não aceitando mais o modelo da recepção passiva. Segundo essa autora, os professores entendem esse comportamento como uma relação direta com o maior acesso às informações por parte dos jovens. Ou seja, os próprios docentes reconhecem a influência dos meios de comunicação nas características e interesses dos alunos. Assim, é imprescindível que a escola esteja integrada às novas tecnologias e também ao que elas produzem e sua influência sobre os comportamentos das crianças e dos adolescentes. Essa integração tem grande importância para que haja um comprometimento da escola com a relação que se estabelece entre os alunos e as linguagens experimentadas por eles quando entram em contato com as TICs. Com o comprometimento estabelecido, será mais fácil educar os alunos para que se utilizem das tecnologias de forma crítica.

Na internet, segundo Tapscott (apud Bonilla, 2005, p.87), os jovens podem perguntar, discutir, argumentar, brincar, ridicularizar, fantasiar, investigar, dentre outras atitudes. E o fato de esses adolescentes estarem percebendo que existem áreas em que possuem um domínio maior do que os adultos altera a dinâmica entre eles e seus pais e/ou professores, ou seja, eles demonstram uma maior expressividade, pois compreendem que não são mais os adultos que detêm os conhecimentos.

Crescer na era das mídias eletrônicas é, portanto, uma realidade inegável para os jovens da atualidade. Para muitos jovens, como afirma Tapscott (apud BUCKINGHAM,

2007, p. 14), usar a nova tecnologia é tão natural quanto respirar. Com a inserção das TIC's na área da Comunicação, passaram a existir espaços, onde é possível se comunicar a partir de computadores interligados a uma rede: são os *ciberespaços*. “O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 1999, p.17). Se essa relação entre as TICs e os jovens é tão direta e intensa, o surgimento de espaços para a participação e a discussão de assuntos que os interessam também é muito rápido e diversificado. Esses espaços são chamados de comunidades virtuais e neles é possível interagir com um conjunto de pessoas que se reúnem através de conferências eletrônicas, experimentando circunstâncias de interesses comuns. Exemplos dessas comunidades virtuais são as comunidades de relacionamento, como o Orkut, o MSN ou o Facebook. Essas comunidades permitem o relacionamento entre pessoas conhecidas no espaço presencial e entre pessoas que se conhecem apenas no espaço virtual ou a partir dele. O que caracteriza uma comunidade virtual são os interesses em comum partilhados pelos seus integrantes, bem como a existência de formas alternativas de comunicação (MARQUES apud BONILLA, 2005). O diferencial dessas comunidades é que elas não têm um lugar real para se encontrar como em toda comunidade. Seus integrantes não costumam se encontrar em uma boate ou em uma praça. “Os participantes integram-se na comunidade através de um modem em conferências eletrônicas” (WARK apud PRIMO, 1997, p. 3).

Segundo Belloni (2001, p.31), a mídia “possui uma legitimidade, como fonte de saber, semelhante à escola”, influenciando os jovens em seu processo de socialização. Assim, os adolescentes são expostos às tecnologias e, muitas vezes, essas influências acarretam comportamentos que são expressos nas relações que estabelecem com seus colegas e professores. Relações estas que podem ser pautadas na amizade ou a partir de outros sentimentos, como raiva, medo, competição etc.

A partir do momento em que também a relação entre professores e alunos não se pauta no respeito e no diálogo, alguns alunos podem passar a ter atitudes agressoras com seus colegas e/ou professores e isso já vem acontecendo há algum tempo. Estudos indicam a incidência de um procedimento agressor denominado *bullying*, cuja prática preocupa pesquisadores desde a década de 90 (LOPES NETO, 2005).

Bullying é uma palavra de origem inglesa que não possui tradução específica na Língua Portuguesa e designa os "comportamentos adotados, por uma pessoa ou um grupo, que visam intimidar, humilhar, excluir ou oprimir o outro, repetidamente e de modo intencional” (OLIBONI, 2008, p. 12). Esse tipo de comportamento causa sérios danos à vida

das suas vítimas, que podem ser estudantes, pais e professores do mundo inteiro, sem restrição ao tipo de instituição ou contexto social. Avilés (2005) chama a atenção, além disso, de que não é qualquer agressão entre pares que se denomina *bullying*. É preciso que esta seja uma ação intencional, sistemática e com abuso de poder desequilibrado entre agressor e vítima.

Quanto à denominação dos sujeitos, Tognetta e Vinha (2008) informam que estes devem ser chamados de autores e alvos de agressão, a fim de evitar que os mesmos também sejam vítimas de preconceitos. Mas estes tipos de agressões também são feitos através das Tecnologias da Informação e Comunicação. Com o surgimento das novas TICs e, principalmente, da internet, o *bullying* ganha espaço também em ambientes virtuais, sendo, então, denominado de *cyberbullying*.

Outra característica importante de ser destacada, em relação ao *bullying*, é que este fenômeno ocorre entre pares. Entretanto, neste estudo, queremos ampliar esta visão. Observamos que os professores, atualmente, são alvos frequentes de violência na escola (SILVA, 2010). Na maioria destes casos, o aluno é o autor da violência, que pode ser tanto verbal como corporal. Com o auxílio das TICs os alunos encontraram novas formas de expressar sua agressão aos professores, principalmente através das redes sociais.

O que leva um aluno a agredir verbalmente, em comunidades virtuais, o seu professor? Conforme uma reportagem publicada em março de 2009, no Diário de Pernambuco, os alunos alegam praticar o *cyberbullying* por se sentirem vítimas da arrogância e da prática conservadora e ditatorial dos professores. Nossa hipótese, portanto, é que há uma relação direta entre a prática docente e ações de *cyberbullying* de alunos para professores. O aluno sente-se vítima em sala de aula, e procura um espaço onde possa expor suas críticas ao docente e sua prática, com a garantia do anonimato, e sem risco de punição, encontrando um espaço ideal para disseminar suas opiniões: as comunidades virtuais nos sites de relacionamento.

Destacamos que a inquietação para desenvolver essa temática surgiu durante a graduação em Pedagogia, na disciplina “Pesquisa e Prática Pedagógica V” (PPP 5), quando realizamos uma intervenção pedagógica em uma escola pública, utilizando recursos tecnológicos. Observamos que muitos alunos, nas escolas, se referem de forma pejorativa e até agressiva em relação a alguns professores. Isso nos levou a estudar o *bullying* e, mais tarde, o *cyberbullying*, visto que também percebemos o grande interesse que esses alunos possuem em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação. Dessa forma, nos perguntamos em que sentido a tecnologia, em especial a internet e os sites de relacionamentos

ajudam a promover esse tipo de agressão fora da escola, ampliando o espaço de alcance desse fenômeno. E, ainda mais, como isso também pode ser usado tendo o professor como alvo? E, por isso, estamos usando o termo *cyberbullying*, que caracteriza, neste ensaio, uma ação de violência simbólica tendo o aluno como autor e o professor como alvo. Mesmo sabendo que esses personagens não exercem funções de pares, diversas pesquisas (PRADO; BORGES; FRANÇA, 2011) demonstram que o fenômeno das tecnologias na educação exige uma relação menos hierarquizada de modo que os alunos se coloquem numa posição mais horizontal em relação aos professores quando usam essas tecnologias. Além disso, o fato da agressão ser disponibilizada via internet faz com que a mesma seja sistemática, pois permanece no ar, indefinidamente, sendo, muitas vezes, impossível a retirada da mesma, pois o autor das agressões, em geral, não se identifica.

Percebendo a necessidade de nos aproximarmos dessa temática, nossa pesquisa tem como objetivo compreender como se caracteriza o *cyberbullying*, de alunos como autores, tendo os professores como alvo, em comunidades virtuais de instituições escolares de Recife, no site de relacionamentos Orkut. Para tanto, como objetivos específicos consideramos importante identificar as ocorrências deste tipo de *cyberbullying* no site de relacionamentos Orkut; caracterizar as formas de agressão utilizadas nas mensagens que expressam o *cyberbullying* de alunos tendo como alvo professores no site de relacionamentos Orkut, dentro das comunidades virtuais de instituições escolares de Recife e analisar os conteúdos dessas mensagens de *cyberbullying*.

Algumas pesquisas vêm sendo produzidas sobre essa temática, tais como os estudos de Zuin (2008), Pérez, Sala, Chalezquer e González (2008), Lisboa, Braga e Ebert (2009), Maidel (2009) e Faustino e Oliveira (2008). Esses autores, com exceção de Zuin (2008), centram seus trabalhos na abordagem do fenômeno do *cyberbullying* entre alunos, ou seja, a “vitimização entre pares” (LISBOA; BRAGA; EBERT, 2009, p. 60). Zuin, no entanto, traz uma importante contribuição quando trata da relação entre professores e alunos no meio virtual.

Observamos, então, que o foco da discussão desses estudos está no reconhecimento do *cyberbullying* como uma prática cada vez mais recorrente na vida dos educandos. Além disso, eles têm abordado as consequências advindas dessa prática, buscando compreender o entendimento que as famílias e as escolas possuem acerca do fenômeno.

Poucos estudos possuem interesse em pesquisar as causas desse fenômeno ou o porquê de ele ocorrer tão frequentemente entre sujeitos escolares, o que indica uma relação debilitada entre os mesmos já no ambiente físico. Menor ainda é o campo de pesquisas que

observam o espaço onde o *cyberbullying* tem sido praticado (espaços virtuais), procurando compreender sua estrutura e identificar os conteúdos ali presentes.

Diante disso, destacamos a importância do presente estudo, visto que há poucos trabalhos referentes ao tema. Sabemos também que não há um direcionamento para uma pesquisa documental, que vise traçar um panorama das características presentes no espaço onde são registradas as mensagens de *cyberbullying* de alunos contra professores, em comunidades virtuais de instituições escolares de Recife.

Essa pesquisa pretende, portanto, contribuir para a compreensão do fenômeno *cyberbullying* em comunidades de relacionamentos, traçando um panorama do que vem ocorrendo. Voltando-nos para a formação humana, podemos refletir sobre o que tem levado os sujeitos a, nos espaços virtuais, agirem com intenção de ofender outras pessoas. O que tem ocorrido em espaços "reais" que pode motivá-los a tomarem tais atitudes? Sabemos que o conhecimento da problemática é o primeiro passo para que haja a busca das causas que incidem sobre ela. A partir do conhecimento sobre o que tem acontecido e sobre suas causas, é possível se pensar em práticas que contribuam para a construção de uma relação baseada no respeito e na ética.

2. Metodologia

O presente trabalho, por ter estar pesquisando sobre relações que se estabelecem no âmbito de um espaço social complexo e, muitas vezes, conturbado, consiste em uma pesquisa baseada na abordagem qualitativa, a qual se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas; um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO & DELANDES, 1994). Pesquisas dessa natureza trabalham com um universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes.

No que se refere ao tipo de pesquisa segundo os nossos objetivos podemos classificar nosso estudo como exploratório (GONÇALVES, 2003), pois

Se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominada “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema (GONÇALVES, 2003, p. 65).

Como instrumento metodológico para a coleta de dados, realizamos uma pesquisa documental, tendo como campos uma comunidade virtual que contivesse mensagens de *cyberbullying* de alunos contra professores. Portanto, fizemos uma verificação em sites onde

alunos pudessem escrever esse tipo de informação. Dentre vários sites que continham essas informações, selecionamos o Orkut.

A escolha pelo site de relacionamentos Orkut se deu visto à grande quantidade de comunidades presentes nele, bem como um número significativo de usuários e, portanto, maior possibilidade de selecionar o objeto de estudo dessa pesquisa.

Devido a um interesse em posteriores pesquisas, envolvendo, possivelmente, os sujeitos e as vítimas das ações de *cyberbullying*, foi necessária uma delimitação baseada na localização das escolas. Foram selecionadas comunidades escolares da cidade de Recife/PE. As palavras-chave para a busca de comunidades de escolas no Orkut foram: “escola recife” e “colégio recife”. Este critério foi utilizado por entendermos que, em geral, a palavra “escola” refere-se mais às nomenclaturas de escolas públicas e que a palavra “colégio” refere-se, ao contrário, às nomenclaturas de escolas privadas, visto que nosso objetivo buscou identificar tanto uma como outra. Além disso, essas palavras-chave foram as que encontraram um maior número de comunidades virtuais, depois de tentarmos várias possibilidades.

Essas palavras-chave nos levaram a 95 comunidades de “escolas” e 127 de “colégios” de Recife, totalizando, portanto, 222 comunidades analisadas neste trabalho. Dentre essas comunidades, identificamos apenas 12% (27 comunidades) com mensagens de *cyberbullying*, sendo 19 de escolas particulares e 8 de escolas públicas de Recife, ou seja, nas escolas privadas o fenômeno totalizou mais que o dobro. Isso pode ter se dado pelo fato de que alunos de escolas privadas possuem maior acesso à Internet, se comparados aos alunos de escolas públicas.

Com o objetivo de compreender como se caracteriza o *cyberbullying* de alunos, tendo como alvo professores, em comunidades virtuais de instituições escolares de Recife, no Orkut, realizamos uma análise de conteúdo proposta por Moraes (1999, p. 9), que “constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos”.

Assim, fizemos a análise das mensagens dos tópicos das comunidades do Orkut, buscando entender os sentidos das mensagens, caracterizando as principais formas de agressão ocorridas, além de analisarmos os conteúdos das mesmas. Esse tipo de análise

tem por finalidade, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, explicar e sistematizar o conteúdo da mensagem e o significado desse conteúdo, por meio de deduções lógicas e justificadas, tendo como referência sua origem (quem emitiu) e o contexto da mensagem ou os efeitos dessa mensagem (OLIVEIRA et al, 2003, p.15).

Dessa forma, a técnica da análise de conteúdo (AC) serve como uma ferramenta para a construção de significados que os atores (no caso, os interlocutores das mensagens do Orkut) produzem a partir de seu discurso.

Segundo Moraes (1999), a AC é constituída de cinco etapas: (a) a preparação das informações, (b) a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, (c) a categorização ou classificação das unidades em categorias, (d) a descrição e (e) a interpretação. Utilizaremos estes passos para apresentar os nossos resultados.

3. Análise e discussão dos resultados

Uma vez que nos propomos a compreender como se caracteriza o *cyberbullying* de alunos, tendo como alvo professores, em comunidades virtuais de instituições escolares de Recife, no site de relacionamentos Orkut, organizamos a nossa análise a partir de duas grandes temáticas: as ocorrências de *cyberbullying* de alunos contra professores e os conteúdos das mensagens identificadas no Orkut.

A. Identificando as ocorrências de cyberbullying: o que os números revelam

- Primeira Etapa

De acordo com Moraes (1999), a primeira etapa da AC é a preparação das informações, identificando as amostras que serão analisadas. Para isto, compilamos as mesmas em três grandes grupos.

No primeiro, dispomos as informações com o nome das escolas, a rede (pública ou privada), o título do tópico, o número de mensagens de *cyberbullying* nos tópicos, o número de membros das comunidades, o tempo em que o tópico está disponível na rede, a data de início e do término dos tópicos. Essa organização teve como objetivo proporcionar uma visão geral das comunidades e os tópicos para que pudéssemos identificar todas as ocorrências de *cyberbullying* contidas nas comunidades virtuais de instituições escolares de Recife.

Analisando todos os fóruns das 27 comunidades, localizamos 1.898 tópicos, sendo 56 tópicos – 19 de comunidades de escolas públicas e 37 de comunidades de escolas privadas – com mensagens de *cyberbullying* de alunos contra professores, embora existam também de alunos contra alunos.

Nos tópicos das escolas públicas, encontramos 76 mensagens relativas a *cyberbullying*. Já nos tópicos das escolas privadas, encontramos 125 mensagens. É interessante observar que, apesar da quantidade de tópicos das escolas privadas ser maior, a média de mensagens por tópico foi menor do que nos tópicos das escolas públicas, conforme

podemos ver no quadro 1, abaixo. Ou seja, apesar de a escola pública ter poucos tópicos, a quantidade de mensagens em cada um deles é maior do que a quantidade das escolas privadas. Em relação a isto, Tognetta e Vinha (2008) afirmam que não há grande diferença entre a ocorrência de bullying em escolas públicas ou particulares, o que significa que “não é o meio, tido muitas vezes como o grande vilão da história, o único causador do fenômeno” (2008, p. 9).

MENSAGENS COM CYBERBULLYING: 201 mensagens		
MÉDIA DE TÓPICOS POR COMUNIDADE	2,07	1,94 PARTICULAR
		2,37 PÚBLICA
MÉDIA DE MENSAGENS POR TÓPICOS	3,58	3,37 PARTICULAR
		4 PÚBLICA
MÉDIA DE MENSAGENS POR COMUNIDADE	7,44	6,57 PARTICULAR
		9,5 PÚBLICA

Quadro 1 – Média de tópicos e mensagens de cyberbullying em relação às escolas públicas e privadas.

Percebemos, no quadro 1, que o interesse em registrar mensagens agressivas contra seus professores foi maior entre os alunos de escolas públicas.

Eles utilizam o tempo e o acesso que possuem à internet visitando as comunidades das quais fazem parte, para demonstrarem sua insatisfação com os professores, difamando-os, humilhando-os e até xingando-os. Os alunos, portanto, recorreram aos ambientes virtuais talvez pela maior propagação de suas ofensas, que podem ser visualizadas a qualquer momento e em qualquer lugar (PÉREZ, et. al, 2009), bem como pela grande quantidade de pessoas que podem visualizar essas mensagens. No caso das comunidades de escolas públicas, encontramos 4.481 membros, isso sem contabilizar o total de membros do mundo inteiro do site de relacionamentos Orkut, que têm acesso direto a essas informações, cujo tempo de duração é, em média, 1 ano e 8 meses no site. Há, no entanto, mensagens que ultrapassaram 4 anos de existência, sabendo que podem permanecer no site por tempo indeterminado.

Esse fenômeno, portanto, é recente e demonstra um avanço significativo a partir do momento em que houve a inserção das tecnologias na sociedade – inclusive com a criação do Orkut -, o que alterou o comportamento (KENSKI, 2003) dos alunos, que passaram a utilizar o site para praticarem o *cyberbullying*.

O segundo grande grupo possui informações sobre os tópicos e as mensagens relacionadas, a natureza da mensagem, o sexo e a idade dos interlocutores e a relação do aluno com a escola (se é aluno ou ex-aluno). Essa segunda organização proporcionou a visualização das formas de agressão existentes nos tópicos.

O terceiro grande grupo consiste no conjunto de todas as mensagens com teor de *cyberbullying* encontradas nos tópicos. A partir dessa organização, pudemos selecionar os termos que expressavam as formas de agressão, que foram agrupados a partir dos conteúdos em comum entre eles. Isso nos permitiu categorizar os dados encontrados, possibilitando-nos o alcance do objetivo da pesquisa que tem como finalidade caracterizar as formas de agressão utilizadas pelos alunos nas mensagens selecionadas, bem como analisar, posteriormente, os conteúdos dessas mensagens.

B. Agressão Digital: o que os alunos escrevem sobre seus professores?

- Segunda Etapa – Definindo a unidade de análise

Nessa etapa, temos a unitarização ou transformação do conteúdo em unidades (MORAES, 1999). Isso significa definir a unidade de análise que, segundo Moraes (1999, p. 16) “é o elemento ou indivíduo unitário a ser classificado [...]. As unidades podem ser tanto palavras, frases, temas ou mesmo documentos em sua forma integral”. As nossas unidades de análise são as mensagens com conteúdo de *cyberbullying* extraídas das comunidades selecionadas e descritas acima.

Em seguida, codificamos as unidades a partir dos termos de agressão escritos nas mensagens dos alunos. Os códigos foram criados pela percepção dos termos utilizados pelos alunos para se referirem aos seus professores. Dentre eles, identificamos a ocorrência de 119 formas diferentes de se expressarem, contendo desde comentários sobre as impressões que os alunos têm a respeito da postura pedagógica dos seus professores até xingamentos e apelidos.

- Terceira etapa – Agrupando os dados

Essa etapa consiste no procedimento de agrupar dados, a partir da existência de partes em comum entre eles. Nossos dados nos fizeram definir critérios durante o processo, originando categorias sintáticas, ou seja, que são criadas a partir de verbos, adjetivos, substantivos e outros. (MORAES, 1999).

Partindo do quantitativo já descrito, percebemos a necessidade de categorizar as mensagens extraídas, a partir de elementos em comum entre os códigos já estabelecidos na etapa anterior. Nessa etapa, foi possível atingir o nosso objetivo de caracterizar as formas de agressão utilizadas pelos alunos nas mensagens escritas nos tópicos. Recordamos que, por ser uma pesquisa exploratória, a categorização só foi realizada após a leitura de todas as mensagens observadas, não sendo possível essa classificação antes, até mesmo porque não

houve autores, nas nossas referências teóricas, que já tivessem estabelecido qualquer categoria dessa natureza.

Assim sendo, as percepções acerca do que emergiu nos conteúdos das mensagens nos fizeram dispor de 9 categorias, que são: *Ameaça*; *Características físicas*; *Difamação* (Subcategorizada em: *Conteúdos sobre Bebida Alcoólica* e *Difamação Sexual*); *Expressão de sentimento – ódio*; *Homofóbicas*; *Insultos – Apelidos*; *Ataques ao Perfil do professor*; *Rótulos* e *Xingamento* (Subcategorizada em: *Palavras de Baixo Calão*, *Ridicularização* e *Referência a Personagens Malignos*).

No gráfico abaixo, apresentamos os termos e as ocorrências relativas a cada categoria. Os *termos* são palavras que sintetizam as mensagens de *cyberbullying* ou referências aos conteúdos das mesmas. Eles foram contabilizados a partir da quantidade total de termos diferentes dentro de cada categoria, ainda que a mesma possua subcategorias. As *ocorrências* representam a quantidade de vezes que cada termo foi contabilizado nas mensagens que expressam *cyberbullying*.

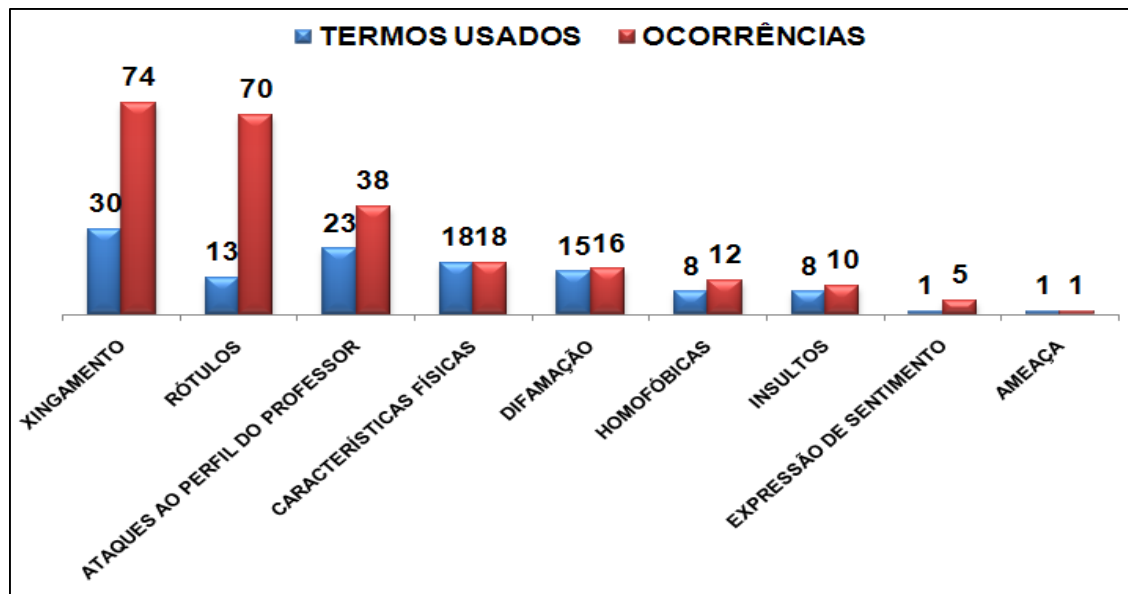


Gráfico 1 – Categorias das mensagens encontradas, em ordem crescente, informando quantidade de termos diferentes utilizados nas mensagens e as suas ocorrências.

- Quarta e Quinta Etapas – Descrevendo e interpretando

Segundo Moraes (1999), descrever depende dos níveis de categorização, sendo o momento de “expressar significados captados e intuídos nas mensagens analisadas” (1999, p. 24). As categorias estabelecidas demonstraram as intenções que os alunos tiveram ao escrever

suas mensagens, referindo-se a seus professores e utilizando as palavras que julgaram ser necessárias para expressar seus sentimentos.

Abaixo apresentamos as categorias, esclarecendo como elas surgiram, bem como exemplificando cada uma, para um maior entendimento. Salientamos que os exemplos aqui expressos foram reproduzidos fielmente tais como estão registrados no site.

✓ **Ameaça:** Esta categoria referiu-se a apenas uma mensagem que expressou o desejo que o aluno tinha de “matar” seu professor. Chama-nos a atenção o fato de que essa categoria é muito utilizada na prática do *bullying*, mas limitou-se a apenas a uma ocorrência, dentre as 201 mensagens identificadas nessa pesquisa. Acreditamos que isso se deve ao fato de que registrar essa ameaça é algo mais grave, visto que compromete seu autor. Exemplo:

ESSE HE FODA PROFESOR DO INFERNO SE EU POSEDE MATAVA
ELE FODASE VALERIOOOOOOOOOOOOOOOO. FLW

✓ **Características físicas:** Os conteúdos das mensagens que retratam as características físicas ressaltam possíveis defeitos que os professores tenham, visando ferir a auto-estima dos mesmos e demonstrando intolerância às diferenças (BEAUDOIN & TAYLOR, 2006). Exemplo:

A (professora) de Química e Física q era meio vesga e usava óculos fundo de garrafa e tinha a língua meio presa e falava "fenômenos" hahahaha

✓ **Difamação:** As mensagens categorizadas como difamadoras têm caráter prejudicial (WILLARD, 2004), visando denegrir a imagem dos professores. Em nosso estudo essas mensagens abordam como um dos temas as bebidas alcoólicas, onde se afirma uma possível ingestão excessiva de álcool por parte dos professores, se utilizando de termos pejorativos para tal fim, como:

“Eu já senti o Bafo de cana do professor Enílson.
Quem não lembra do grande Prof de matemática Enílson?Vc que estudou com ele, ja sentiu seu bafo de cachaça?”

A difamação também foi expressa por conteúdos sexuais, onde os alunos maculam seus professores, abordando mensagens caluniadoras sobre prováveis comportamentos depravados, conforme se pode notar no exemplo:

Tinha um professor de matemática...
Tinha uma professor de matemática [...] que só queria saber de comer as
meninhas um verdadeiro motoqueiro comedor...”

✓ **Expressão de sentimento – ódio:** Essa categoria se refere ao conteúdo encontrado nas mensagens onde os interlocutores expressam o sentimento de ódio pelos professores descritos por eles. Exemplo:

eu odeio esse professor...
eu odeiu o professor bertoldo de matematica ele e um saco ne quem concorda comig eim ?”

✓ **Homofóbicas:** Essa categoria retrata o preconceito e a aversão dos alunos em relação à opção sexual dos professores, não a respeitando e até satirizando os professores. Exemplo:

“Realmente Valério era muito cabuloso, alguns fatos para provar tal acusação:
1- homossexual
2- expelia litros de cuspe enquanto falava.
3- Levou o gente fina do Bartô para o caminho Gay. Chegando a residirem juntos.
4- Foi visto no Laça Burguer uma vez com um cara que limpava Maionese do canto de sua Boca. (essa foi foda)”

✓ **Insultos – Apelidos:** Pudemos verificar em nossos dados que os alunos criam estereótipos dos professores e, dessa forma, expõem uma imagem ridicularizada do docente. Neste sentido, os estereótipos são “crenças compartilhadas sobre os atributos pessoais, especialmente traços de personalidade e comportamentos de um grupo de pessoas” (PEREIRA, 2002, p.46). Exemplo:

CONCERTEZA ANA DE QUIMICA QUANDO EU ESTUDEI LÁ ELA ERA MAIS CONHECIDA COMO ANALUCIFER”
Betania (Profª Português)– “A noviça”;
Dulce (Profª Português) - "A cobra Anacoda"

✓ **Ataques ao Perfil do professor:** Descrevem-se aqui críticas encontradas nas mensagens coletadas sobre a prática pedagógica do professor e sua postura em sala. Exemplo:

Prof. Vlademir de matematica, alguem lembra dele? O prof. Mais carrasco que já conheci na vida, o cara simplismente reprovou metade da 7ª C de 83, que F...da P... eu fazia parte dos reprovados.

✓ **Rótulos:** Os alunos procuram registrar, nas mensagens de *cyberbullying*, as impressões pessoais que eles têm acerca dos professores. Essa foi a segunda categoria que apresentou mais ocorrências, talvez pela própria não-aceitação das diferenças encontradas nos professores, levando os alunos a estabelecerem rótulos para os professores nas mensagens. Exemplos:

Professor

Foi das pessoas mais pobres de espírito com quem me cruzei naquela escola, pois ele tinha/tem um defeito muito crasso num ser humano é xenófobo!

Quem é do povão mais antigo, já teve aula na sala de leitura. Enquanto metade da sala estava na Informática, a outra metade da turma estava na sala de leitura tendo uma aula supimpa com Paula. O interessante é que a safadinha toda vez peidava na sala, e o peido não era nada fraco. Isso não acontecia somente nas aulas, acontecia sempre, há qualquer hora. Quem nunca cheirou o peido de Paula silenciosamente?

✓ **Xingamento:** Essa categoria foi dividida em três subcategorias: palavras de baixo calão, ridicularização e referência a personagens malignos. O xingamento foi a categoria mais encontrada nas mensagens que expressam o *cyberbullying*. Os alunos utilizam termos para humilhar seus professores, enfocando tanto palavras de baixo calão quanto mensagens que visam ridicularizá-los e também associando-os a personagens de má fama. Segundo uma pesquisa sobre bullying realizada com alunos de Curitiba (CUNHA, 2009), o xingamento aparece como a agressão mais recebida pelas vítimas. No caso do cyberbullying, a pesquisa demonstrou uma sintonia com o que acontece nos espaços presenciais.

Palavras de Baixo Calão:

ei galera vamu c inuir pra xuta a bunda dessa mozainer safada q soh sabe enxer o saco da galeraaaaaaaaaaaaaaaaa
akela ...vamu botar pra fuderrrrrrrrr
vamu fazer um abaixo assinado e pedir pra trocar ela de turma!

Ridicularização:

As primeiras aulas que gasiei foram as aulas de artes! Fala sério, eram ridículas aquelas aulas de Educação Artística!!! Isso deveria ser tirado do currículo escolar ou ser ensinado com mais competência!!! Pow... Ninguém merecia ter aula com Regina, que era incapaz de depilar a axila!!!

Referência a Personagens Malignos:

Com toda a certeza a professora mais chata foi Eunice de português, pense a mulher parece um capeta... aff aquilo é um cão em forma de gente!!!!!!!

Os dados dessa pesquisa nos fazem remeter a pensamentos críticos com relação à existência do *cyberbullying* e da compreensão de como esse fenômeno tem se estruturado nos espaços virtuais contemporâneos.

Como se pôde observar, as mensagens, em geral, difamam os professores, a partir do momento em que os alunos os expõem, inclusive registrando os nomes dos educadores, bem como as matérias que lecionam. Sabemos que as comunidades virtuais são criadas a partir de

interesses em comum (MARQUES *apud* BONILLA, 2005) e, portanto, os membros das comunidades identificadas nesta pesquisa — aqueles que participaram dos tópicos selecionados — apresentaram o interesse em debater sobre o assunto difamador.

Os interlocutores não se preocupam em demonstrar sua insatisfação com os professores de forma menos agressora. Pelo contrário, expressaram seus sentimentos com o objetivo de ofender claramente os docentes. A partir do momento em que essas mensagens foram escritas, os alunos, que tinham interesse em partilhar suas emoções, visando denegrir a imagem de seus professores, praticaram o *cyberbullying*.

Os alunos, talvez, não compreendam que essa prática é denominada *cyberbullying*, e, portanto, desconheçam a dimensão que esse fenômeno tem, como também as consequências que ele proporciona na vida dos educadores difamados.

Esse aspecto pode estar relacionado à falta de reflexão, em sala de aula, sobre os aspectos éticos e de respeito ao próximo e a si mesmo. Tognetta e Vinha (2008) afirmam, neste sentido, que

as relações interpessoais são conquistas de um contínuo exercício de resolução de conflitos cotidianos, e, além do mais, é preciso um trabalho com as imagens que esses meninos e meninas fazem de si mesmos e, portanto, algo anterior às relações interpessoais: um olhar às relações *intrapessoais* (2008, p. 16 e 17. Grifo dos autores).

Outro fato que chamou a nossa atenção foi o pouco uso do anonimato para registrar as mensagens de *cyberbullying*. Embora haja autores, como Fante (2005) e Capucho e Marinho (2008), que afirmem ser esse um dos motivos que levam os alunos a praticarem o *cyberbullying*, observamos, em nosso estudo, que esse não foi um recurso muito utilizado. Das 201 mensagens de *cyberbullying* coletadas e analisadas, apenas 2 foram escritas por pessoas que não se identificaram. Também não encontramos 'fakes', que são perfis falsos, pois conseguimos identificar, inclusive, se os interlocutores eram ex-alunos ou alunos atuais das escolas, fazendo uma breve análise de seus perfis. Neste sentido, em nosso estudo, o anonimato fica excluído das hipóteses dos motivos pelos quais os interlocutores procurariam a Internet para isso. A intenção de humilhar, difamar, xingar e até insultar os seus professores é o que, provavelmente, mais motivou os alunos a escreverem suas mensagens. Segundo Nascimento e Alkimim (2010),

Tratando-se a relação aluno-professor de relação interpessoal constante e que atravessa vários ciclos e etapas da vida de uma pessoa, é comum nessa relação o surgimento de conflitos que podem ser controlados pelo professor ou não, transformando-se em microviolências (descaso, xingamentos,

agressões verbais, etc) ou até mesmo macroviolências (agressão física e outras condutas previstas no Código Penal, por exemplo) (2010, p. 2830).

No entanto, como os interlocutores das mensagens geralmente são ex-alunos, um dos outros possíveis motivos que levam os autores das mensagens a escreverem-nas seria uma relação já extinta com a escola e, conseqüentemente, com os professores agredidos e até com outros alunos, que leem as mensagens. Neste sentido, a falta de fiscalização dentro dos sites e a ineficiência de uma Educação Digital, que venha ensinar aos alunos uma utilização sadia dos recursos tecnológicos, são algumas das possíveis prerrogativas para a permanência dessa prática. Assim, concordamos com Zuin (1994, p.172), quando ele afirma que

os meios de comunicação em massa, enquanto instrumentos responsáveis pela propagação de valores e normas de comportamentos, bem como as formas como suas lógicas medeiam e estruturam as relações sociais, inclusive as desenvolvidas nas escolas, são questões que necessariamente devem ser debatidas e pesquisadas.

Portanto, torna-se fundamental que a escola crie práticas concretas sobre como utilizar as TICs criticamente, inclusive abordando os aspectos legais do uso da WEB (CAPUCHO; MARINHO, 2008). Essa compreensão caminha no sentido de uma Educação para as Mídias, de que nos fala Belloni (2001), em relação à formação do telespectador. Falamos, contudo, ampliando a proposta da autora mencionada, em uma formação dos interlocutores das mídias digitais, no sentido de que se possa aprender a usar essas mídias com criticidade, inteligência, ética e respeito aos outros.

Sobre a prática dos interlocutores, é possível compreender que a estrutura desses domínios nos fala quem tem frequentado esse ambiente virtual, quando, o que têm registrado e, de acordo com o que registraram, nos possibilitam saber também qual é a sua intenção. Observando os autores das mensagens escritas no site de relacionamentos Orkut, identificamos a predominância do gênero masculino, embora a diferença entre ele e o gênero oposto não seja significativo: 54% dos interlocutores são homens, enquanto que 46% são mulheres. Esse dado difere do *bullying* na sua forma presencial, que apresenta como autores das agressões majoritariamente pessoas do sexo masculino, devido à força física ou à necessidade de se estabelecer como alguém superior entre os colegas de sala. (FANTE, 2005)

Sabemos que, sobre as escolas, há uma variedade enorme de assuntos que interessam tanto aos pais quanto aos alunos, tanto aos professores quanto aos funcionários, como no caso de enriquecer conhecimentos construídos nas aulas, incentivar encontros fora do ambiente virtual, dar dicas de sites, elogiar professores e a própria escola etc. No entanto, verificamos que o percentual de mais de 18% das mensagens que estão circulando dentro dos tópicos das

comunidades selecionadas são mensagens de *cyberbullying*. Para muitos, essa quantidade pode parecer pouca, mas, se vista diante da diversidade cultural, social e econômica que a escola apresenta, não é difícil perceber que isso possibilita a propagação de divulgação de assuntos variados sobre as escolas e os sujeitos ali presentes.

Podemos, então, perceber a gravidade e a proporção que assuntos como insultos, calúnias, difamações e xingamentos de alunos contra professores têm alcançado, visto que, diante de tantos temas interessantes para se debater, há um interesse muito grande na escrita de frases agressoras contra seus próprios professores. Dessa forma, os mais de 18%, dentro do contexto tão variado de temas sobre a escola, se tornam um bloco forte e atraente para os que desejam expressar seus sentimentos e impressões agressivos dentro do ambiente virtual.

Expressar-se é um direito de qualquer ser humano, seja por meio de escrita, fala, gestos, sons etc. Expressar-se com a intenção de oprimir, humilhar ou ofender alguém repetidas vezes é *bullying*. Realizar essa ação nos espaços virtuais é *cyberbullying*. Os alunos interessados em se expressarem sobre os seus professores geralmente continuam a escrever mensagens no mesmo tópico e até se envolvem em outros tópicos para falar do mesmo assunto, às vezes até do mesmo professor, o que comprova a característica do *cyberbullying*, dentro do conceito adotado do *bullying*, que é “ato com a intenção de oprimir, humilhar ou ofender alguém repetidas vezes” (FANTE, 2005).

7. Considerações finais

Sabemos que a prática de *cyberbullying* é real e, como é um fenômeno recente, poucos apresentam o interesse em estudá-lo e, portanto, há também poucos caminhos traçados para combatê-lo. Questionamo-nos como podemos combater essa prática com uma formação que vise à ética, o respeito às diferenças e o diálogo. Assim sendo, apontamos algumas idéias na tentativa de provocar a reflexão dos profissionais de Educação para tomar ações contra a prática do *cyberbullying* no cotidiano escolar.

Em primeiro lugar, a escola deve iniciar um processo educativo que vá de encontro aos motivos que levam os alunos a praticarem o *bullying* e, conseqüentemente, o *cyberbullying*. Essa educação deverá desenvolver uma prática de aceitação do outro, respeitando suas diferenças, visto que o diferente é que se tornou um pretexto para a vitimização.

Considerando que a *cibercultura* amplia os tempos e espaços pedagógicos, será necessário que tenhamos uma educação para as mídias digitais. Portanto, para desenvolver ações contra a prática de *cyberbullying*, as escolas deveriam adotar a utilização das TIC's nas salas de aula, visto que, a partir desse primeiro passo, os professores terão a oportunidade de

conscientizar seus alunos, inclusive dando exemplos de como utilizar as novas tecnologias; por adotar, entende-se não apenas a aquisição de máquinas ou materiais tecnológicos, mas uma iniciação ao uso consciente dessas novas tecnologias, incentivando e demonstrando uma utilização crítica e responsável.

A partir do momento em que os professores e os alunos passarem a utilizar de maneira ética as mídias eletrônicas, será possível detectar as falhas que ocorrem dentro dos ambientes virtuais, que permitem que tais conteúdos sejam circulados. A escola também deveria assumir o papel de incentivar seus alunos a combaterem as práticas de *cyberbullying*, o que os torna sujeitos atuantes na construção de uma sociedade mais justa.

Além disso, Tognetta e Vinha (2008) apresentam situações a serem desenvolvidas em sala de aula, que podem ajudar a construir um ambiente de mais respeito a si e também ao outro: a montagem de um estatuto contra *bullying*, a elaboração de regras a partir das necessidades e não apenas no início do ano letivo, aplicações por reciprocidade, resolução de conflitos por meio de discussão de dilemas morais, histórias, filmes, dramatizações e, por fim, propostas para falar de si ou do outro com afetividade.

Esperamos que este trabalho, portanto, contribua não apenas para levantar questões, mas também para levantar reflexões tanto em professores quanto em alunos sobre uma prática mais amorosa e respeitosa na relação educativa.

8. Referências

AVILÉS, J. M. **Intervenir contra el bullying en la comunidad educativa**. 2005. Disponível em <<http://www.concejoeducativo.org>> Acesso em 18 de outubro de 2011.

BEAUDOIN, M.; TAYLOR, M. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BELLONI, M. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BONILLA, M. **Escola aprendente: para além da sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.

CAPUCHO, V. A. C.; MARINHO, G. C. Cyberbullying: uma nova modalidade de violência escolar. **Construir Notícias**. n. 40, ano 07. maio/jun. 2008.

CUNHA, J. **Violência interpessoal em escolas no Brasil: características e correlatos**, PR. Curitiba, 2009. 105 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Professores difamados na internet**. 25 de Março de 2009.

Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/2009/03/25/urbana1_0.asp#>
Acesso em 30 de março de 2009.

FAUSTINO, R. & OLIVEIRA, T. O cyberbullying no orkut: a agressão pela linguagem. **Língua, Literatura e Ensino**, v. III, maio, 2008. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/lle/article/view/124/105>> Acesso em 24 out. 2011.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2.ed. Campinas: Verus editora, 2005.

GONÇALVES, E. **Iniciação à pesquisa científica**. 3.ed. Campinas: Editora Alínea, 2003.

KENSKI, V. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. Campinas: Papirus, 2003.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LISBOA, C.; BRAGA, L.; EBERT, G. O fenômenos bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. **Contextos Clínicos**. Jan-jun 2009.

LOPES NETO, A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, RJ. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> vol.81, n.5, 2005. Acesso em: 23 out 2011.

MAIDEL, S. Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. **Revista Electrônica de Investigación y Docencia**. Jun, 2009.

MINAYO, M.; DELANDES, S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Educação**. Porto Alegre, ano XXII, n. 37, mar. 1999.

NASCIMENTO, G. A. F.; ALKIMIN, M. A. Violência na escola: o bullying na relação aluno-professor e a responsabilidade jurídica. **Congresso Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito**. Florianópolis, 2010. Disponível em <<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3776.pdf>> Acesso em 18 de outubro de 2011.

OLIBONI, S. **O bullying como violência velada**: a percepção e a ação dos professores. Dissertação (Mestrado) em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2008.

OLIVEIRA, E.; ENS, R.; ANDRADE, D.; DE MUSIS, R. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003.

PEREIRA, M. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: E.P.U., 2002.

PÉREZ, J., SALA, X., CHALEZQUER, C., GONZÁLEZ, D. **Cyberbullying**: uma análise comparativa com estudantes de países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela. Disponível em: <http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/ciberbulling.pdf>. Acesso em 23 out 2009.

PRADO, M.; BORGES, M.; FRANÇA, G. O uso do laptop na escola: algumas implicações na gestão e na prática pedagógica. In: BAGATINI, F.M. et al. **O computador portátil na escola**:

mudanças e desafios nos processos de ensino e aprendizagem. São Paulo: Avercamp, 2011.

PRIMO, A. A emergência das comunidades virtuais. In: **Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em: <http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/A%20emerg%EAncia%20das%20comunidades%20virtuais.pdf>. Acesso em 5 nov 2011.

SILVA, R. Violência contra o professor: efeitos devastadores. **3º Encontro de Formação de Professores de Sergipe**. Sergipe, 2010. Disponível em <http://www.unit.br/hotsites/2010/enc_formacao_professores> Acesso em 18 de outubro de 2011.

TOGNETTA, L.; VINHA, T. Estamos em conflito: Eu, Comigo e com Você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: CUNHA, J. L.; DANI, L. S. C. (Orgs.). **Escola, conflitos e violência**. Santa Maria: UFSM, 2008, p. 199-246. Disponível em <<http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos%20em%20conflito.pdf>> Acesso em 18 de outubro de 2011.

WILLARD, N. **An Educator's Guide to Cyberbullying and Cyberthreats**, 2004. Disponível em: <<http://cyberbully.org/docs/cbcteducator.pdf>> Acesso em: 13 de set. de 2009.

ZUIN, A. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____, A. Seduções e simulacros – considerações sobre a indústria cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação. In: Pucci, B.(org.) **Teoria Crítica e Educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes/São Carlos: Edufscar, 1994.